

A METAFÍSICA NO PROJETO FILOSÓFICO DE NITZSCHE

Danilo Vítor Pena¹

RESUMO: A tragédia grega, para Nietzsche, depois de ter atingido sua perfeição, pelo diálogo entre Dionísio e Apolo, começa um processo de declínio graças ao racionalismo metafísico de Sócrates. Essa separação do *dionisiaco* e do *apolíneo*, impulsionada pela teoria do pensador grego, será eleita por Nietzsche, como o fio condutor responsável pela negação de uma “cultura superior”, em nome da decadente concepção metafísica da verdade. Essa concepção nietzschiana da metafísica sinaliza também uma árida e intencional crítica à instituição, que de forma mais orquestrada, conseguiu elevar os ideais socráticos, execrando de vez o projeto *dionisiaco*: a religião cristã.

PALAVRAS-CHAVE: metafísica, tragédia grega, religião cristã.

ABSTRACT: According to Nietzsche, after reaching perfection through the dialog between Dionysus and Apollo, the Greek tragedy undergoes a declining process due to Socratic metaphysical rationalism. This tension between Apollonian and Dionysian forces, motivated by the Greek philosopher’s theory will be elected by Nietzsche as the trigger for the denial of a ‘superior culture’, favoring it in the name of the declining metaphysical conception of truth. The Nietzschean concept of metaphysics also signals a bitter and intentional criticism against the institution that, in a more elaborated way, achieved the promotion of Socrates’ ideals, abhorring, once and for all, the Dionysian project: the Christian religion,

KEY WORDS: metaphysics, greek tragedy, christian religion.

Entre os muitos atributos que se podem oferecer à obra de Friedrich Nietzsche (1844-1900) ressalte-se a sua instigante interpretação da cultura grega e a sua relação entre os homens. Sua tarefa de “médico” da cultura moderna apoia-se nesse pressuposto. Assim, na primeira fase de sua obra, com *O Nascimento da Tragédia* (1872), o autor traça o diagnóstico da civilização a partir da análise dos instintos básicos, presentes no universo do povo helênico e a ruptura que houve a partir do socratismo. A tragédia grega, para Nietzsche, depois de ter atingido sua perfeição, pelo diálogo simbolizado pelas duas divindades, Dionísio e Apolo, começa um processo de declínio graças ao racionalismo metafísico de Sócrates. Essa separação do *dionisiaco* e do *apolíneo*, impulsionada pela teoria

1 Graduado em Filosofia pela Faculdade Católica de Uberlândia, especialista em Direitos Humanos pela PUC-GO e mestrando pelo Programa de Pós Graduação em Filosofia da PUCPR.

do pensador grego, será eleita por Nietzsche, como o fio condutor responsável pela negação de uma “cultura superior”, em nome da decadente concepção metafísica da verdade.

Esse processo de ruptura acompanhou a própria obra do autor em suas três fases. Se nas obras da maturidade² este posicionamento contra o ideal metafísico alcançou contornos mais firmes, já nos primeiros escritos sua visão de embate com essa empreitada filosófica de matriz socrática começa a desenvolver-se. Ele adverte contra as seduções da metafísica desde os primeiros anos de sua atividade intelectual. Portanto, investigar os desdobramentos dessa preocupação – transversal em sua obra – supõe igualmente uma visão mais integrada de todo o seu projeto literário.

1. CONTEXTUALIZANDO A PROBLEMÁTICA

Classicamente a metafísica é compreendida como o ramo da filosofia que estuda os princípios e causas primeiras do ser em um campo analítico que ultrapassa a aparência das coisas tal como elas nos são dadas. Em Nietzsche tal metafísica consiste na separação da vida em dois mundos, onde a realidade transcendente alcança status de verdade, enquanto a imanência do ordinário é desvalorizada.

O desenvolvimento da metafísica nestes termos bebe em fontes Socráticas. Foi ele o responsável pela formulação de uma maneira de pensar baseada na descoberta de uma realidade causal suprassensível, não material, antes apenas esboçada (e não muito bem delineada) por alguns filósofos embora Aristóteles tenha burilado bastante esse campo, e posteriormente, com maior interesse e relevo, grande parte da filosofia cristã.

Antes de Sócrates era comum elaborar explicações sobre os fenômenos da natureza a partir de causas físicas e mecânicas. Superando o caráter imediato dessas respostas, pode-se afirmar que o que inaugura a Metafísica propriamente dita, é a busca do Ateniense por um sistema unificador explicativo de toda a realidade e de como o Homem poderia ter acesso a ela. Ao confessar a si mesmo que nada sabia, ao deparar-se com a ausência de certezas e a falta de robustez das respostas construídas até então, Sócrates elaborou uma concepção epistemológica que seria legada a toda a civilização ocidental.

2 A saber, obras produzidas entre 1882 a 1888: Assim falou Zaratustra; Além do Bem e Mal; Para a Genealogia da Moral; O Caso Wagner; Crepúsculo dos ídolos; O Anticristo e Ecce Homo.

Em Nietzsche, o conceito de metafísica está ligado à ideia de que há dois mundos: o inteligível e o sensível. Ela rege a dualidade de um mundo que se estabeleceu na dicotomia do inteligível (verdadeiro) e do sensível (limitado, aparente corruptível). Metafísica tem a ver com a oposição de valores.

Se Nietzsche fez de Sócrates um homem símbolo do “socratismo” foi porque, em sua ótica, ninguém mais e melhor do que Sócrates encarnou essa nova maneira de ser absurdamente racional. Sócrates, o “dialético superior”, o grande vitorioso dos combates teóricos altamente elaborados da época, foi o primeiro que não só dedicou sua vida a busca incessante do conhecimento como esse seu “desenfreado impulso lógico” foi a razão de sua morte. (BULHÕES, p. 230, s/d)

O ser humano teme o múltiplo e o complexo. Dessa forma todo resumo ordenado que separe o mundo, quase que de forma simétrica e objetiva, entre o real e o irreal, parece mais agradável para uma humanidade indisposta a assumir uma postura mais audaciosa diante da própria existência. Assim, a divisão constante da vida e dois mundos separados será uma espécie de defesa diante das incertezas, expressão de um desejo de ordenamento do caos. A metafísica seria essa busca recorrente na história, que procura afastar tal multiplicidade e complexidade do mundo dos sentidos. Ela é a tentativa de dar limite à infinitude. De forma pretensiosa, o homem, apoiado neste solo metafísico, busca um saber válido para todos os tempos e lugares.

De acordo com BEARDSWORTH (2003) a metafísica quer sistematicamente elaborar conceitos fundamentais que proporcionem sentido à existência. Das suas principais categorias, salientem-se duas: os “universais”, que permitem reconhecer os acontecimentos como tais e os “conceitos” que estruturam nossa compreensão dos acontecimentos (por exemplo, as definições metafísicas de “substância” e “sujeito”, “quantidade” e “qualidade”).

Essas categorias são unidades que organizam o mundo, descortinando as nuances de uma realidade repleta de interrogações e suspeitas não concluídas. Neste sentido não são empíricas. Transcendem a experiência. São, portanto, ilusórias. Escondem-se por detrás do edifício filosófico clássico, criando sistema que o ocidente acolheu como forma de amparar o homem decadente, que vê no dualismo uma “rota moral”, na busca da verdade.

Transcendendo a experiência, diz-se que eles constituem a *possibilidade enquanto tal*: necessários à identificação da experiência enquanto experiência, como qualquer

coisa que nos afeta, nos advém e nos transforma, e que os reconhecamos *como* qualquer coisa que nos afeta, nos advém e nos transforma. Isto não significa que esses conceitos sejam cabíveis um pelo outro ou que todos atuem no mesmo plano – por um lado, eles articulam a relação com outro mundo, o das essências puras a que o metafísico aspira [...]. Não obstante, qualquer que seja a modalidade particular dos conceitos, o traço caracterizador da metafísica em seu conjunto é que ela apresenta os acontecimentos como algo que deve ser compreendido em referência às unidades duráveis que os precedem e que, de alguma forma, os comandam. (BEARDSWORTH, 2003, p.29, 30)

100 Para Nietzsche, como veremos, toda essa tentativa de unidade conceitual, almejada pelo projeto filosófico metafísico, soa na realidade como esquemas simplificadores do complexo motor da vida, para poder reter o seu sentido, filtrar as arestas mais incômodas. A cisão em dois mundos tornaria a vida possível de ser “empoderada”, diferenciando de forma categórica o empírico do transcendental. Pode-se ilustrar tal afirmação com um dos seus “*fragmentos do espólio*”, redigido entre o verão e o outono de 1884:

Encaro todas as maneiras metafísicas e religiosas de pensar como decorrência de uma insatisfação com o ser humano e um impulso no sentido de um futuro mais elevado, acima do humano – só que os seres humanos querem se refugiar no Além: em vez de construir o futuro. *Um mal-entendido das naturezas mais elevadas, que sofrem com a horrenda imagem do ser humano* (NIETZSCHE, 2008, p. 248-249).

Essa postura sinaliza o medo do humano diante do fluxo do tempo. O projeto filosófico nietzscheano supõe combater o que em “Humano Demasiado Humano II” ele cita como “amontoado de miséria-de-pobres-pecadores” (p.21), incapazes de buscar a autenticidade do homem.

2. METAFÍSICA: UMA CONSTRUÇÃO DECADENTE

Resumo mais essencial de sua filosofia, no que ela possui de mais heterodoxal, a “Ociosidade de um psicólogo” (primeiro título sugerido à obra Crepúsculo dos Ídolos) comunica o resultado mais maduro do seu filosofar, que no ano de sua primeira publicação, 1888, foi acompanhado por uma série febril de produções. Este momento de sua trajetória biográfica representa o

abandono de um projeto literário e a tentativa de uma auto encenação filosófica, onde o a transvaloração torna-se muito mais um projeto pessoal, uma declaração de guerra sobre os ídolos³, muitos deles, gerados pelo impulso da metafísica socrática.

A leitura de “Crepúsculo dos Ídolos” sugere o lançamento cortante de pequenos ensaios divididos em seis capítulos: “O problema de Sócrates”, “A ‘razão’ na filosofia”, “Como o ‘mundo verdadeiro’, enfim, tornou-se fábula”, “Moral como contra natureza”, “Os quatro grandes erros”, “Os melhoradores da humanidade”. Pode-se reconhecer em cada um desses capítulos, o seu lugar nos diferentes planos da “Vontade de potência”⁴. Aqui o autor questiona tanto o legado metafísico do ocidente, como o próprio fazer filosófico dos “petulantes” indivíduos que possuem, de forma patológica, uma tamanha auto segurança que os impede de perceber a decadência de toda a sua filosofia.

No capítulo IV de Crepúsculo dos Ídolos (como o “mundo verdadeiro” se tornou finalmente fábula, história de um erro) o autor apresenta com sua conhecida ironia, o erro da oposição entre um mundo verdadeiro e um mundo simplesmente aparente, segundo premissa socrática. Opondo-se aos seus predecessores, Nietzsche desenha um quadro onde afirma não existir um “supra sensível”

O mundo verdadeiro, alcançável para o sábio, o devoto, o virtuoso – ele que vive nele, *ele é ele*. (a mais velha forma da ideia, relativamente sagaz, simples, convincente. Paráfrase da tese: “Eu, Platão, sou a verdade”.)

O verdadeiro mundo inalcançável no momento, mas prometido para o sábio, o devoto, o virtuoso (“para o pecador que faz penitência”). (Progresso da ideia: ela se torna mais sutil, mais ardilosa, mais inapreensível – *ela se torna mulher, torna-se cristã* [...])

3 Segundo MONTINARI (Cadernos Nietzsche 3, p. 77-91, 1997), “Nietzsche se compreende em guerra pelo fortalecimento da “Transvaloração de todos os valores”, pelo questionamento dos deuses. Certamente não é examinado nenhum deus temporal, mas sim os deuses eternos, que aqui são espicados com o martelo, como com um tridente. O martelo, com o qual Nietzsche filosofa em seu livro, é mais o martelo do minerólogo do que a rude ferramenta da brutalidade; sim, um tridente, através do qual como resposta “ouve-se esse famoso som oco”, “que fala de entranhas insufladas”

4 Sobre a “Vontade de Potência,” há uma linha de análise que a situa enquanto força interpretativa presente em tudo o que é orgânico e também inorgânico. No texto “Considerações acerca do conceito de Vontade de Poder”, BRAZIL, recorre ao trabalho minucioso de Scarlet Marton, que afirma ser este conceito, essencialmente a luta da multiplicidade de forças, sem nenhum telos e nenhum ponto de parada. Ele é então, não o efeito, mas sempre o efetivar-se das forças. A vontade de poder é, por isso, uma cosmologia, pois o mundo é interpretado à luz das relações de força no mundo.

Abolimos o mundo verdadeiro: que mundo restou? O aparente, talvez?... Não!
Com o mundo verdadeiro abolimos também o mundo aparente!

Nestes parágrafos selecionados do citado capítulo, vê-se uma caracterização da metafísica naquilo que ela possui de fundamental: sua instauração com Platão e seu desdobramento no cristianismo. Em uma dupla inserção cultural, a metafísica dividiu a vida em dois mundos. Nessa lógica, ela não seria um desdobramento natural da reflexão filosófica. Antes, ela (a metafísica) seria desejada, inscrita no mundo por meio dos seus mais abstratos conceitos e orientações. Seja de forma explícita ou implícita, ela proporia valores, tornando-se uma interpretação hegemônica do que existe.

Sob esses dois argumentos, deriva-se, segundo BEARDSWORTH um terceiro, ainda mais nefasto: “a natureza “moral” da metafísica, antes de qualquer ética dada, *a priori* a condenaria a tornar-se uma Cultura” (p. 27, 2003). Com isso explica-se a ampla abertura que Nietzsche dá ao cristianismo na história da metafísica. O cristianismo constituiu o orquestramento institucional do itinerário socrático.

Desejosa de encontrar-se além dos desejos e dos sentidos (encarados como sinônimos do vil, do “mundano”) o cristianismo não deixa de estar indissoluvelmente ligado ao mundo. E nesse desejo de escapar dele cria-se, sob os ditames da chamada “revelação divina”, a emergência de uma natureza superior.

Pautado nessa leitura, justifica-se, segundo MONTINARI (1997), a teoria de os capítulos atuais do *Crepúsculo dos ídolos* terem sido transcritos juntamente com os primeiros 24 capítulos de *O anticristo*. O primeiro representa uma espécie de obra-gêmea do segundo, sobretudo da perspectiva da história de seu surgimento. Do mesmo modo que *O anticristo*, ele (*Crepúsculo dos ídolos*) tem suas origens no mesmo material. São obras que coexistem durante um longo tempo.

Diante dessa preocupação específica do autor, (presente de forma mais madura em sua “terceira fase”, como vimos), pode-se afirmar que há, na crítica à metafísica, uma tentativa de simplesmente abolir os seus pressupostos, invertendo a lógica platônica, recuperando as perspectivas negadas por ela? Cremos que não. A problemática mais profunda refere-se ao valor em si da verdade ou da mentira, do real e do fictício. Ultrapassar a metafísica seria nesse sentido o ponto alto da reflexão humana, cuja temática fundamental é a promoção ou negação da vida. Sobre essa abordagem, o autor desenvolve pontualmente ao analisar “o problema de Sócrates:

Em todos os tempos, os homens mais sábios fizeram o mesmo julgamento da vida: *ela não vale nada...* Sempre, em toda parte, ouviu-se de sua boca o mesmo tom – um tom cheio de dúvidas, de melancolia, de cansaço da vida, de resistência à vida. Até mesmo Sócrates falou, ao morrer: “Viver – significa há muito estar doente: devo um galo a Asclépio, o salvador”. Mesmo Sócrates estava farto. – O que *prova* isso? O que indica isso? – Antigamente se teria dito – oh, foi dito, e em voz alta, e com os nossos pessimistas à frente!): “De todo modo, deve haver alguma verdade nisso! O *consensus sapientium* [consenso dos sábios] prova a verdade”. – Ainda falaremos assim hoje? *Podemos* falar assim? “De todo modo, deve haver alguma doença nisso” – é o que nós respondemos: esses mais sábios de todos os tempos, é preciso observá-los de perto! Talvez todos eles já não tivessem firmeza nas pernas? Fossem tardios? Titubeantes? *Décadents*? Talvez a sabedoria apareça na Terra como um corvo, que se entusiasma com um ligeiro odor de cadáver?... (NIETZSCHE, 2006, p. 17)

Não é criterioso afirmar que Nietzsche faz um diagnóstico das consequências maléficas da metafísica somente do ponto de vista cultural (ou seja, como um problema implantado no Ocidente pelo Socratismo, disseminado pelo cristianismo e divulgado pelas construções filosóficas a partir daí). Desalinhado de um pessimismo, que muitas vezes lhe é atribuído, a metafísica no seu projeto filosófico visa questionar o seu potencial empobrecedor e subjugador da vida, com vias de revitalização da mesma: “[...] o valor da vida não pode ser estimado”⁵ (NIETZSCHE, 2006, p. 18). O problema seria então abarcar o que o homem pensa acerca de si mesmo e do mundo, já que, herdeiros de uma tradição conceitual socrático-metafísica, baseamos nossa crença nas coisas a partir de encadeamentos lógicos, que são reformulações abstratas geradas no mundo grego. “A razão na linguagem: oh, que velha e enganadora senhora! Receio que não nos livraremos de Deus, pois ainda cremos na gramática...” (NIETZSCHE, 2006, p. 28).

5 Detalhadamente trabalhado por VIESENTEINER no artigo “[...] que o valor da vida não pode ser estimado: uma interpretação contextual do aforismo 2 do capítulo “o problema de Sócrates”, no Crepúsculo dos ídolos de Nietzsche”, tal citação ilustra bem que a celeuma em questão é um problema que possui suas raízes na tentativa metafísica de emitir juízos conceituais. O filósofo alemão rejeita a possibilidade de fixar um valor à vida por meio de um conceito fixo globalizante. No citado artigo VIESENTEINER interpreta este fragmento afirmando que “a vida não pode ter seu valor fixado conceitualmente”

3. Considerações finais

Como se observa, o tema proposto nestas linhas é (como muito da obra de Nietzsche) extremamente labiríntico. Como últimas considerações, preferimos salientar o que nos parece ser mais exato no que diz respeito da crítica nitzschenana da metafísica.

Sua proposta de superação apoia-se no problema dela submeter a totalidade do exercício do pensamento a uma intenção de unidade, paralisando outras possibilidades interpretativas, já que tudo estaria encerrado em seu pesado cabedal linguístico, um edifício conceitual de herança socrático-cristã. Com isso tal metafísica quer encontrar a unidade a todo preço, inventar a unidade, construí-la se for o caso, enfim, frear o poder do pensamento. Com isso, passa-se a interpretar o mundo como uma coleção de unidades, de entidades, participantes de uma estrutura marcadas na linguagem, cujo o objetivo final, é o alcance da verdade como um dom construído *apriori*. Nesse sentido, toda metafísica é um tipo de busca pelo “além-mundo”,

Cabe ao metafísico o papel de anular o empírico, em oposição ao transcendente. Através da busca por justificação ou de uma autoridade suprema, o conhecimento está subjugado à uma unidade matriz geradora (seja ela a figura de Deus ou de uma moral normativa), como Nietzsche deixa transparecer na *quarta tese* desenvolvida em Crepúsculo dos ídolos, ao analisar a “Razão na filosofia”: Dividir o mundo em “verdadeiro” e um “aparente”, seja à maneira do cristianismo, seja à maneira de Kant (um cristão *insidioso*, afinal de contas), é apenas uma sugestão da *décadence* – um sintoma da vida *que declina...*” (p. 29).

REFERÊNCIAS

BEARDSWORTH, Richard. **Nietzsche**. Trad.: Beatriz Sidou. São Paulo: Estação Liberdade, 2003. (Figuras do Saber)

BULHÕES, Fernanda Machado. O enigma de Sócrates: “o abismo mais profundo e a mais alta elevação”. Natal, s/d, PP. 229-235.

MARTON, Scarlett. **Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos**. São Paulo: editora brasiliense, 1990

MONTINARI, Mazzino. **Ler Nietzsche: O Crepúsculo dos Ídolos**. Cadernos Nietzsche 3, p. 77-91, 1997. Disponível em http://www.fflch.usp.br/df/gen/pdf/cn_03_05.pdf

NIETZSCHE, F. **Crepúsculo dos Ídolos** (ou como filosofar com o martelo). Trad. de Marco Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **Fragmentos do Espólio**. Primavera de 1884 a outono de 1885. Seleção, tradução e prefácio de Flávio R. Kothe. Brasília: Universidade de Brasília, 2008.

_____. **Humano, Demasiado Humano (II)**. Um livro para espíritos livres. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.